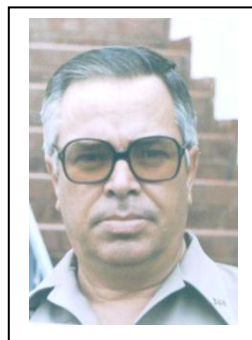


FHE **POUPEX**

A FÁBRICA DE MÁRMORES CANGUSSUANA, EM CANGUÇU, INAUGURADA 29 NOV 1875

(MEMÓRIA)



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História,sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a proposito dos centenários de morte do General Osório Marqueo do Herval e do Duque de Caxias.

Artigo digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim a AMAN e em levantamento para integrá-lo no programa Pergamium de bibliotecas do Exército

A FÁBRICA DE MÁRMORES CANGUSSUANA, EM CANGUÇU, INAUGURADA 29 NOV 1875

(MEMÓRIA)

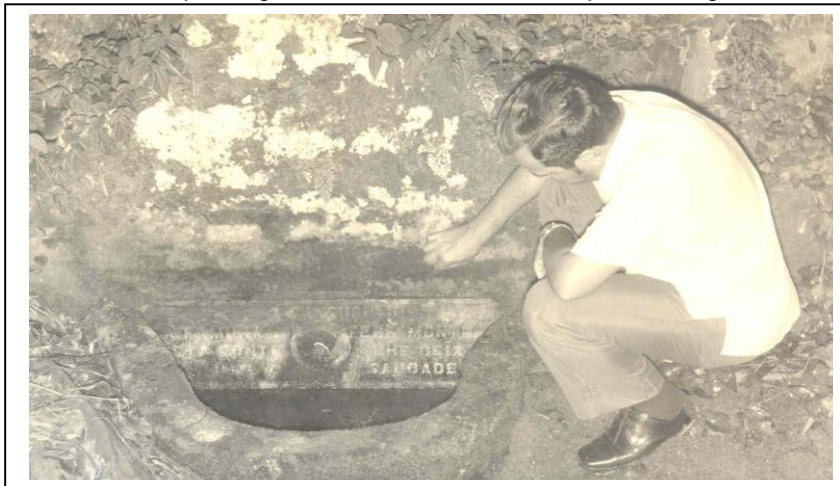
Cel Claudio Moreira Bento

Presidente e fundador da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS)

O Jornal **CORREIO MERCANTIL** de Pelotas, de 2 de Dezembro de 1875, copiado pelo historiador Major Ângelo Pires Moreira, publicou notícia da concorrida inauguração em Canguçu, no dia 27 de novembro de 1875, às 17 horas, da Fábrica de Mármore, denominada INDÚSTRIA CANGUSSUANA. Ocorreu este notável evento no momento pós Guerra do Paraguai, em que Canguçu passava por grande Progresso, sendo logo a seguir construída nesta década, pela família Piegas, os prédios notáveis para a época, onde hoje funcionam o Clube Harmonia construído em 1877 e a Casa da Cultura em 1879, para o qual a Cangussuana fabricou os degraus em mármore em sua entrada e que até hoje resistem a ação dos tempos

, A Indústria Cangussana segundo interpreto, tinha por gerente comercial Florício Rodrigues Barcelos, e por diretor técnico nosso bisavô paterno, o português José Ferreira Monteiro e, como artista José Souza Pereira.

A inauguração contou com a presença do presidente da Câmara de Vereadores de Canguçu de 1872/1972, Marcelino Correia de Paiva e do Juiz de Comarca Dr Abílio Álvares Martins, o 1º de Canguçu, após desligar-se da Comarca de Piratini. A festa foi animada pela Banda de Música Santa Cecília. Na ocasião foi oferecido aos presentes um copo d água. Ainda não existia, na época refrigerantes engarrafados.



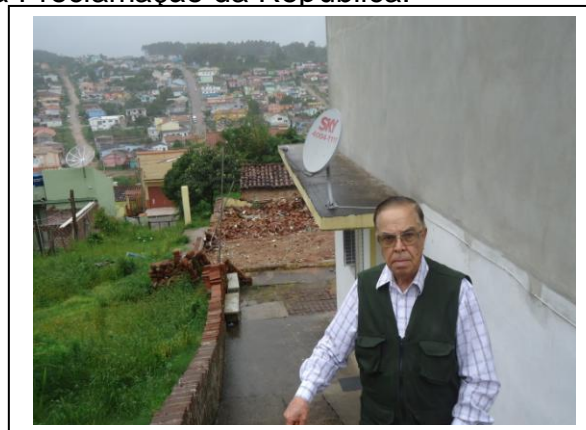
Fonte existente na citada casa onde apareço na foto em 1972 a pesquisando e apontando a placa de mármore fabricada pela Fábrica de Mármore a A Cangussuana com a inscrição “AQUI NESTA FONTE A FAMILIA FERREIRA MONTEIRO LHES DEIXA UMA SAUDADE.1889” Em minha infância por diversas vezes visitei esta fonte e bebi sua excelente água. Ela situava-se em local muito aprazível cercada de densa vegetação. Creio que ainda lá se encontra. Era conhecida como a fonte da saudade



sede do Clube Harmonia, tendo na 1ª década do século 20 servido de moradia do Intendente Cel da Guarda Nacional, Genes Gentil Bento (1905/1916) e na nos anos 20 desta década de residência do Intendente Dr Raul Azambuja. A direita o palacete da Casa de Cultura Marlene Barbosa Coelho .

construída pela família Piegas em 1879 e sede da Intendência Municipal a partir de 1901 até a sua transferência para o local atual.

Suponho que a água servida na inauguração da Fábrica de Mármore A Cangussuana . que funcionou na esquina defronte a casa construída pelo Diretor Técnico José Ferreira Monteiro, tenha sido fornecida pela fonte da foto acima que foi usada pela sua família ao lado da casa que ele construiu e que aparece nas fotos abaixo e na qual nasceu meu pai Conrado Ernani Bento e hoje patrono da ACANDHIS, em 13 de setembro de 1888,5 meses depois da Abolição e 1 ano e dois meses antes da Proclamação da República.



Fotos do chalet de José Ferreira Monteiro 1875-1889, na esquina Sudeste das ruas Duque de Caxias com a Júlio de Castilhos em 2013. E ao lado demolida, em 2014. e na sua frente o nº 681, da Júlio de Castilhos. Nela funcionou depois de 1900 a 1ª biblioteca de Canguçu, cujo acervo passou para o Clube Harmonia. E também aí funcionou o Clube Feminino Grêmio das Violetas, cujas moças que o integravam figuram em foto na página anterior ao meu Prefácio, do livro ERA UMA VEZ EM CANGUÇU...QUANDO AS CRIANÇAS FAZIAM ARTE de autoria de Eloah Moreira Moraes do Nascimento. Pelotas: Radio Liberdade, 2007. Eloah foi alfabetizadora do hoje CFENSA, na década de 40 do século passado. (Fotos de Cairo Moreira Pinheiro, jornalista e genealogista das famílias Mattos e Moreiras de Canguçu e coordenador da ACANDHIS.

A Câmara de Vereadores na inauguração recebeu de brinde um cinzeiro de Mármore. Jose Ferreira Monteiro era pai de Maria da Conceição Monteiro, casada com meu avô Genes Gentil Bento e pais de meu pai Conrado Ernani Bento, nascido em 13 set 1888 no citado chalet do avo Jose Ferreira Monteiro. Chalet que acaba de ser demolido e situado atrás do nº 871 da rua Júlio de Castilhos Desta época existem lapides no cemitério Municipal na época em construção. E segundo João Simões Lopes Neto em sua reportagem sobre Canguçu na REVISTA Nº 4 DO CENTENÁRIO DE PELOTAS FREGUESIA. em 1912, esta Indústria teria fabricado peças de mármore de Caçapava , para a construção da monumental para a época , Alfândega de Rio Grande, hoje servindo a Receita Federal.

Jose Ferreira Monteiro veio do Rio de Janeiro e inicialmente residiu em Pelotas com suas três filhas e de 1875/ 1888 residiu em Canguçu por cerca de 13 anos. E deixou Canguçu com a Mensagem em placa de mármore na Fonte da Saudade. Duas de suas três filhas casaram em Canguçu com o Genes Gentil Bento e Manoel Jesus Vasques vereador nas Câmaras eleitas em 1868 (Presidente) e vereador na eleita em 1972. Sua terceira filha casou no Rio com um oficial do Exército da família Niemayer.

Usou a palavra na inauguração da Indústria Cangussuana o 1º juiz de comarca de Canguçu Dr Abilio Alvares Martins de Castro nos seguintes termos

“Vemos nesta hora o comparecimento de homens ilustrados, de pessoas eminentes e de outros tantos caracteres que avultam na sociedade, tendo a sua frente mui zelosos e beneméritos cidadãos? São, senhores, verdadeiros pugnadores da prosperidade pátria, que vem contentes render um sincero preito e queimar incenso no alicerce do progresso; são os pugnadores das Artes, que concorrem para dar nesta hora mais esplendor, maior brilho à inauguração de uma Fábrica, fonte de riquezas e civilização dos povos, porque lhes ministra os convenientes meios de todos adquirirem grandes resultados e tornarem-se conseguintemente aptos ao desempenho dos seus deveres e, enfim, mais uma flor que abre suas pétalas às novas abelhas, na qual se encontram o alimento para o espírito e descobre o bom, o instrutivo, o belo, o recreativo e mesmo o admirável e o sublime, acha nela o cabedal avultado para adquirir um fundo pecuniário e saber.

A falta das fábricas entre nós importa a negação completa de todo o progresso e ministra a maior prova do nosso atraso social e financeiro.

Porém, senhores, todas as coisas tem sua época e passam por diferentes fases. A estação tem seus períodos, o homem percorre diversas idades, pelas soluções abraça sistemas novos.

O mesmo mármore é informe e bruto, até que chega a mão do destro e hábil escritor que, lentamente, desbastando-o transforma em seus delicados cinzéis em uma bela e elegante estatueta e então, nenhuma demonstração pode dar do que foi o seu primitivo ser. A diuturnidade nas obras humanas é impossível de considerar-se.

Chegou enfim a época das Artes saírem do atraso em que se achavam e graças a solicitude e zelo do mui distinto cavalheiro o Sr. José Ferreira Monteiro e mais membros da companhia, hoje senhores, vimos Canguçu como a muito se esperava e debaixo das vistas de homens dedicados ao progresso, abrindo nesta vila uma Fábrica de Mármore, ramo este de Arte donde tem saído as maravilhas do mundo, nas quais achamos esculpido aos nossos olhos um suficiente cabedal.

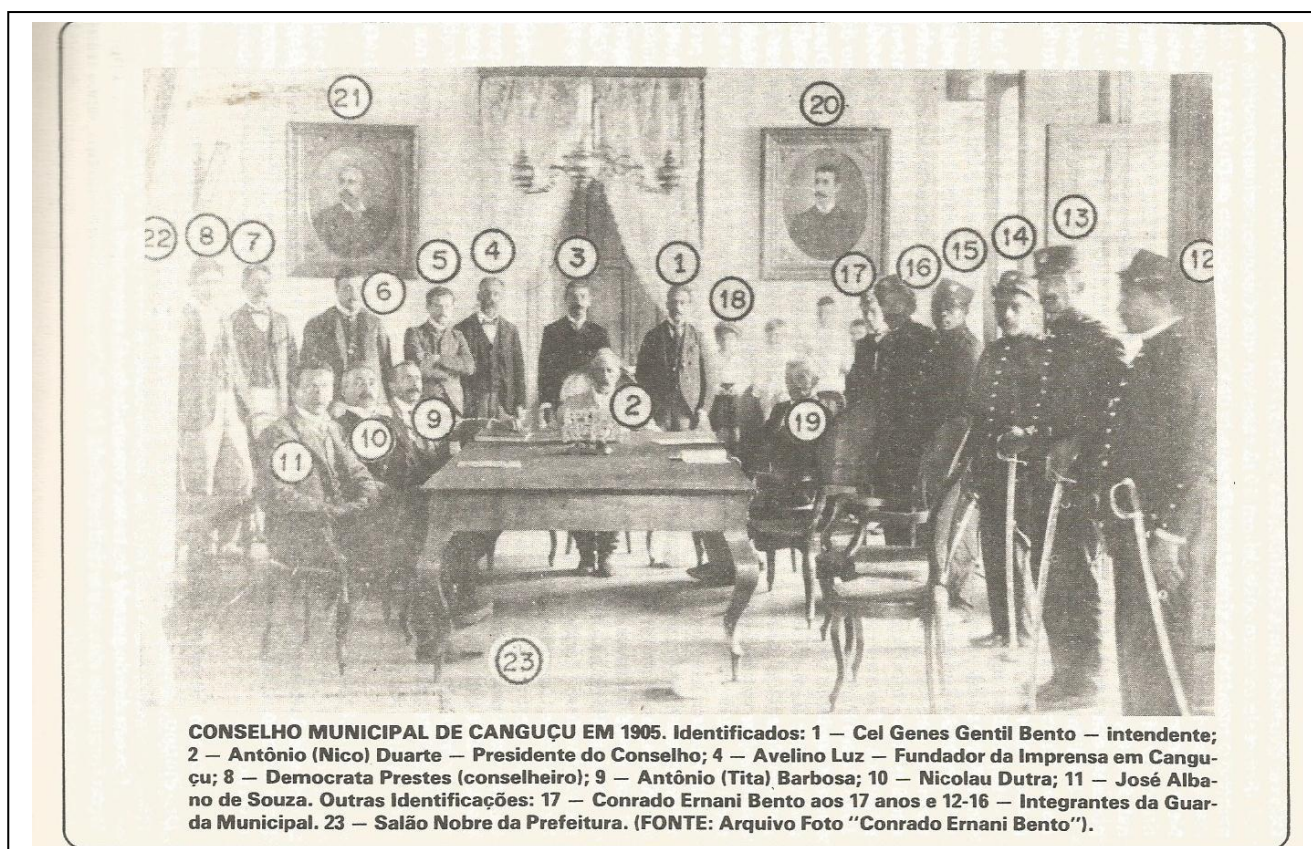
Auferimos vantajosa ilustração, ao contemplar tantas e tão variadas peças de primor, nas quais os seus autores se immortalizarão: primores estes que constituem a Enciclopédia dos conhecimentos humanos; nela à semelhança do cuidadoso agricultor que matizado campo escolhe as mais delicadas flores e vai admirar a mão, do Onipotente que a criou, assim podemos nela dissolver dúvidas e conhecer aquilo que nos tenha escapado as nossas vigílias e olvidado depois de algumas lucubrações, enfim temos perfeita idéia do desenvolvimento e progresso das Artes em que vivemos.”

Conrado Ernani Bento com um ano deixou Canguçu com a sua família Ferreira Monteiro e passou sua infância e adolescência na Barra do Rio Grande, em Itapoã, Porto Alegre e numa estância administrada por seu pai na Vila Cerrito. E retornou a sua terra natal ao 17 anos junto com seu pai Cel Genes Gentil Bento, eleito vice intendente do Intendente Cel Leão Silveira Terres que veio a falecer em conseqüência de um acidente, e assumiu a Intendência de Canguçu por cerca de 11 anos.

Em 1910, aos 21 anos Conrado Ernani Bento patrono da ACANDHIS foi nomeado Notário em caráter vitalício e oficial do Registro Geral, função que exerceu de janeiro de 1911 até 1958, por cerca de 47 anos, até ser compulsoriamente aposentado por haver completado 70 anos.

A presente interpretação se apóia em trabalhos do autor sobre a História de Canguçu em pesquisas em jornais de Pelotas pelo canguçuense Major Ângelo Pires Moreira. 1º vice presidente da ACANDHIS. , João Simões Lopes Neto na Revista nº 4 do Centenário de Pelotas em 1912 e escritos na Revista dos 200 anos de Canguçu da ACANDHIS do Tabelião José Moreira Bento sobre a História de Cartórios em Canguçu e do Dr Lúcio Newton Prestes sobre a História do Poder Judiciário em Canguçu e pesquisas no Jornal a Federação e dados obtidos com a acadêmica diretora do Museu Municipal Capitão José Henrique Barbosa historiadora Zuleika Reys Barbosa, acadêmica da ACANDHIS.

CANGUÇU NO TUNEL DO TEMPO CANGUÇU HÁ 108 anos



O EXECUTIVO E O LEGISLATIVO DE CANGUÇU EM 1906, EM SESSÃO NO HOJE SALÃO DE HONRA DA CASA DE CULTURA E A GUARDA MUNICIPAL COM AS INDICAÇÕES DOS PERSONAGENS INDICADAS POR NUMEROS ABAIXO DA FOTO. (Fonte: BENTO.Canguçu reencontro com a História p.111,2ed)